

---

## **A contribuição do ensino de jornalismo ambiental na formação de estudantes de jornalismo<sup>1</sup>**

Rosane da Silva NUNES<sup>2</sup>

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

### **RESUMO**

Esse trabalho trata da contribuição que os cursos de Jornalismo podem dar à sociedade, por meio da formação de profissionais comprometidos com as urgências sociais, notadamente, os alarmantes fenômenos decorrentes do desequilíbrio ambiental. Para tanto, apresenta-se um método de ensino e os resultados obtidos da oferta da disciplina de Jornalismo Ambiental, no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Conclui-se que a experiência proporcionou o aguçar do olhar crítico e sistêmico necessário à prática jornalística implicada com os fatos que reporta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Ensino; Meio Ambiente.

### **Introdução**

Fazer jornalismo é, sobretudo, uma questão de compromisso. Jornalismo é, por ofício, um pacto com a sociedade, no qual essa lhe apresenta diversas realidades, em modo bruto, e aquele lhes devolve articuladas, reconstruídas, lapidadas para a interpretação dos fatos (LAGE, 2001). Em se tratando de jornalismo ambiental, tal acordo torna-se inevitável, pois “nesses tempos tão conturbados, em que a ameaça de danos ao meio ambiente é constante, o Jornalismo Ambiental é necessário para imprimir um olhar cuidadoso e comprometido com a defesa da vida em todas suas dimensões” (GIRARDI, 2018, p 21). A questão que se impõe é: em tempos de jornalismo-legenda guiado por algoritmos<sup>3</sup>, como praticar o bom e velho fazer jornalístico, do planejamento diligente, da produção articulada com a pesquisa, da apuração imersiva, da abordagem sistêmica, do recorte que não descaracteriza, mas desvela e aprofunda o fato porque inconformado com a superfície das declarações oficiais e das análises especializadas, todas enviesadas por interesses outros que não o público? Essas são as características do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Professora do curso de Jornalismo da UFCA, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, doutora em Educação, email: rosane.nunes@ufca.edu.br.

<sup>3</sup> Recurso de direcionamento e de entrega de conteúdos postados em redes sociais, com objetivo de fim de manter o usuário mais tempo conectado. Baseia-se no que os mecanismos de Inteligência Artificial consideram relevantes para o usuário em questão, a partir da rotina de acesso e interações deste nas redes.

---

jornalismo que, acrescidas da postura engajada e do pensamento complexo do repórter ambiental, dão o tom desse tipo jornalismo que não se restringe à alcunha de “especializado” porque atravessa a política, a economia, a ciência e a cultura, sendo, portanto, um jornalismo farto, amplo, desfragmentado.

Esse trabalho parte do pressuposto de que levar o ensino de jornalismo ambiental aos cursos de graduação em jornalismo é defender a permanência do ofício de reportar com inteireza, posto que não se trata apenas de falar sobre o meio ambiente, mas de assumir o caráter educativo e provocativo à mudança, aspectos que consideramos parte da essência dessa profissão. Por meio do relato analítico da experiência de ministrar a disciplina de Jornalismo Ambiental no curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC)<sup>4</sup>, no período letivo de 2022.1, pretende-se refletir sobre o papel do ensino desse modelo de jornalismo para o preparo de profissionais comprometidos com a função social dessa lida necessária a um mundo mais sustentável - um termo tão caro quanto controverso, mas assimilado nas agendas política mundial.

### **Método de ensino-aprendizagem**

Foi no passo a passo que se buscou construir um caminho possível. A disciplina iniciou com um planejamento, mas tomou forma no decorrer dos debates em sala. A turma dispunha de quatro meses para desenvolver quatro eixos: 1) definição, contradições e aplicações do conceito de desenvolvimento sustentável, 2) a relação entre meio ambiente, educação e consumo, 3) princípios do jornalismo ambiental e 4) convergências e distanciamentos entre o jornalismo ambiental e o científico. O método utilizado foi de exposições dialogadas; simulações de entrevista coletiva com convidados; elaboração de textos jornalísticos e acadêmicos; análise comparativa de conteúdo de produção jornalísticas acerca dos seguintes temas: mudanças climáticas; desastres naturais; crimes ambientais; mudanças climáticas; agrotóxicos e obras urbanas impactantes. Esses recursos didáticos tiveram como base a leitura de textos acerca dos quatro eixos supracitados. A bibliografia trouxe artigos de pesquisadores do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental da UFRGS (GIRARDI & SCHWAAB, 2008; GIRARDI, LOOSE, BAUMONT, 2011), pesquisadores egressos da Rede Prodema -Programa Regional de

---

<sup>4</sup> A autora é docente lotada na Universidade Federal do Cariri, mas foi cedida à Universidade Federal do Ceará, de dez/2020 a jul/2023, a título de colaboração técnica.

---

Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (MAYA, 2019) e obras clássicas do jornalismo ambiental (BUENO, 2007; PINTO, 2012).

A cada encontro, percebia-se que a turma avançava no entendimento de que reportar questões ambientais exige conjugar diferentes saberes a fim de construir narrativas guiadas pelos seguintes princípios: uso de tom pedagógico mas não professoral; abordagem multidisciplinar avançando para o interdisciplinar; preservação da veia investigativa sem se contentar com o declaratório; recusa do sensacionalismo/espetacularização; fundamento no concreto dos fatos ou fenômenos e não em especulações ou visões utópicas; cultivo do pensamento complexo aliado à manutenção do foco nas soluções simples; base conceitual e informacional a fim de não ser manipulado por fontes e atenção às formas de participação da sociedade nas tomadas de decisão. A reunião desses preceitos pode resultar na formação de um jornalismo militante, palavra que assusta pela associação a partidos políticos ou ativismos aguerridos, mas que, nesse caso, refere-se a um compromisso com a causa ambiental, conforme frisa Bueno (2007, p. 30):

O jornalista ambiental (e é isso que precisa ser trabalhado nas escolas e nas redações junto aos profissionais de imprensa do futuro) tem um compromisso que se estende além da jornada de trabalho. Consciente e capacitado, ele será militante sempre. Qualquer outra alternativa, conduz, inevitavelmente, à capitulação.

É válido destacar que, das 30 vagas ofertadas à disciplina foram ocupadas 29, não havendo nenhuma desistência, fato que pode ser indicativo da sensibilidade dos estudantes para a temática ambiental como pauta relevante para o Jornalismo. Tal suposição pode ser atestada a partir de dois critérios balizadores: o primeiro, de caráter subjetivo, a percepção da docente acerca do envolvimento dos estudantes e o segundo, mais objetivo, trata do conteúdo dos trabalhos produzidos. Quanto ao primeiro critério, considera-se que o processo de aprendizagem foi participativo e equilibrado em todos os encontros com a turma, podendo destacar-se como pontos altos dois momentos. Um deles foi a realização de encontros com convidados externos, no formato de entrevista coletiva, fato que exigiu dos estudantes pesquisa prévia sobre o assunto e acerca do entrevistado. O primeiro encontro foi com uma pesquisadora e autora de livros sobre educação ambiental, falou-se sobre as controvérsias que envolvem o conceito de desenvolvimento sustentável e como a imprensa deve se preparar para abordá-lo sem ser raptada pelo canto

---

lendário de que um crescimento econômico voltado para o consumo acelerado pode estar equilibrado com a preservação do meio ambiente. Dessa experiência resultou um texto jornalístico com o seguinte formato: uma matéria principal sobre o “evento” - no caso, a entrevista coletiva -, destacando os principais momentos, declarações mais fortes da entrevistada etc, seguida de matéria coordenada, com tema livre, podendo ser o perfil da pesquisadora, detalhamento de conceitos abordados durante a entrevista ou sobre livro de autoria da entrevistada. O segundo convidado foi um jornalista da Embrapa, o qual falou sobre o *modus operandi* de uma assessoria de comunicação que faz jornalismo científico, além do institucional. Desse encontro resultou um texto acadêmico sobre simetrias entre os jornalismo científico e ambiental. Outra atividade relevante foi a análise comparativa entre as narrativas de veículos da mídia independente e convencional no trato de assuntos cruciais para a vida, tais como mudanças climáticas, obras impactantes e agrotóxicos, entre outros temas que, mais à frente desse trabalho, serão apresentados. A análise resultou em resumo expandido, a fim de incentivar os estudantes a socializarem o trabalho em eventos acadêmicos. Dessa forma, a disciplina proporcionou oportunidade de aplicar conteúdos vistos em sala em dois formatos, o jornalístico e o científico-acadêmico. A seguir, análise dos principais resultados alcançados nos trabalhos produzidos pela turma, segundo critério de investigação sobre a efetividade do ensino de jornalismo ambiental.

## **Resultados e análise**

Inicie-se a análise com o primeiro trabalho da turma, de elaboração de notícia a partir da simulação de entrevista coletiva com a geógrafa e educadora ambiental Maya Magda<sup>5</sup>, autora da obra “Sustentabilidade 4.0: o novo *mindset* do desenvolvimento sustentável”, cuja leitura anterior ao evento foi recomendada à turma, a fim de que os estudantes estivessem munidos de conhecimento necessário à formulação de perguntas pertinentes. Foi justamente o que ocorreu. Com participação expressiva da turma, alcançou-se um momento participativo. O foco da entrevista foi a dicotomia sociedade do consumo e do desperdício *versus* sociedade sistêmica e inovadora. Do encontro resultaram 19 matérias estruturadas em uma notícia geral sobre a entrevista coletiva e uma coordenada com tema livre, a partir do que a entrevistada abordou. Optou-se, para

---

<sup>5</sup> Magda Maya é doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Foi escolhida para ser a embaixadora da organização internacional Katerva nas redes sociais pelo reconhecido trabalho de educação ambiental nas redes digitais. Finalista do prêmio “Perestroika: em busca dos professores criativos”, na categoria disciplinas de Negócios Sustentáveis. Disponível em [www.magdamaya.com.br](http://www.magdamaya.com.br). Acesso em 15 ago 2023.

essa análise, focar nos assuntos escolhidos pelos estudantes para as matérias coordenadas, pois daí surgem pistas sobre o olhar desses acerca do que é de maior interesse público. Os recortes temáticos estão dispostos na tabela a seguir.

**Tabela 1.** Temas destacados pelos estudantes nas coordenadas

<b>Temas</b>	<b>Recorrência</b>
Informações adicionais sobre a entrevistada (perfil)	5 matérias
Importância a educação ambiental	4 matérias
Uso de redes digitais para sensibilização da sociedade	3 matérias
Controvérsias do conceito de desenvolvimento sustentável	3 matérias
Outros conceitos para entender a sustentabilidade ambiental	2 matérias
Impacto das tecnologias limpas de produção industrial	1 matéria
Relevância das ONGs para a preservação ambiental	1 matéria

FONTE: elaborado pela autora

À primeira vista, parece que a maioria apostou no manualesco método de puxar uma coordenada com o perfil da entrevistada. No entanto, os recortes “importância da educação ambiental” e “uso das redes digitais para sensibilização da sociedade” somaram sete matérias e tratam de um mesmo assunto: a ecoalfabetização, conceito definido pela entrevistada como diferenciado da educação ambiental por essa ser utilizada para “apoiar o uso racional dos recursos (...) sem que se questione nem a colocação da natureza no lugar do recurso e nem a questão da sociedade consumidora” (MAYA, 2019, p. 51). Já a ecoeducação seria “menos centrada nos humanos pela incorporação das noções de sistemismo e de uma racionalidade ECO onde a natureza é percebida como um grande organismo vivo (e não como recurso)” (MAYA, 2019, p. 51). Portanto, a maioria da turma destacou a educação, seja nas escolas ou nas redes digitais como importante ferramenta para a sustentabilidade ambiental. Empatados com as coordenadas de perfil, com cinco matérias, estão os textos sobre conceitos necessários para entender a proposta de sustentabilidade ambiental, podendo-se inferir que há indícios de tendência a aproximações entre o jornalismo ambiental e o científico, no olhar de parte dos estudantes – sendo esse, inclusive o tema do segundo encontro com especialistas, que analisaremos a seguir.

A conversa com Adilson Nóbrega, jornalista, mestre em Sociologia e supervisor do Núcleo de Comunicação da Embrapa Caprinos, situada no município de Sobral, Ceará,

alinhavou pontos em comum entre a comunicação institucional e o jornalismo científico feitos numa instituição de atuação estreita com o desafio da convivência com o semiárido e, portanto, com a preservação da caatinga, único bioma exclusivamente brasileiro. O formato do encontro também foi de simulação de entrevista coletiva, tendo como leitura de preparo o artigo “A interação entre movimento ambientalista, meios de comunicação e ciência na problematização da crise ambiental”, da jornalista e mestre em ciência ambiental, Gabriela Michelotti (in GIRARDI & SCHWAAB, 2008). A proposta era de cruzar reflexões postas no artigo supracitado com as impressões do convidado acerca da relação entre jornalismo, ciência e meio ambiente, de forma a construir um artigo de opinião sobre tal associação - esse foi o trabalho solicitado e entregue por 20 estudantes. Dado o gênero do texto - opinião -, houve multiplicidade de vieses, tornando inviável identificar categorias de análise. O mais próximo de um padrão que se pode observar na leitura dos artigos produzidos foi a ênfase para a função social do jornalismo e da ciência e no dever do jornalista de aproximar a sociedade do discurso científico. Na opinião dos estudantes, esse pode ser um ponto de convergência entre os dois campos. A título de exemplo dessa relação, seguem trechos dos artigos:

(..) a ciência e o movimento ambientalista foram os dois fatores que, aparentemente, mais contribuíram para a questão ambiental ser percebida como um problema social global (...) A partir de então, observa-se o papel do jornalismo como um apoio fundamental para enquadrar os problemas ambientais de uma maneira bem-sucedida, através da mídia. (Antônio Batista Filho, estudante de Jornalismo)

(...) chegamos na importância de uma comunicação direcionada ao público que irá receber, estando alinhada com a ciência, o valor humano e as mudanças que são possíveis em cada indivíduo. (Mário Flor, estudante de Jornalismo)

A linguagem academicista também é um muro entre as pessoas e o entendimento sobre o meio ambiente. O Jornalista tem a tarefa de tornar as informações sobre o meio ambiente mais acessíveis, pois as principais fontes do tema vêm de cientistas que utilizam de um vocabulário muito específico para abordar as questões ambientais. (Adrielle Ribeiro, estudante de Jornalismo)

Para comunicar questões ambientais é preciso aliar ciência e acessibilidade. (Tamara Chaves, estudante de Jornalismo)

A divulgação científica está entre os principais acordos sociais do jornalismo. Ela é compreendida como a utilização de técnicas, recursos e processos que visam a tradução da linguagem especializada das informações científicas e tecnológicas para a linguagem utilizada pelos

---

meios de comunicação, facilitando, dessa forma, o acesso pelo público.  
(Lara Queiros)

(...) é imprescindível que a opinião pública compreenda os processos e os mecanismos da produção científica, bem como os frutos obtidos a partir de seus desdobramentos. Nesse sentido, a mídia - ou, o jornalismo - exerce um papel insubstituível no desenvolvimento científico.  
(Lindemberg Bernardo, estudante de Jornalismo)

O jornalismo ligado à ciência e ao meio ambiente enfrenta constantes desafios no Brasil, que vão desde garantir que as informações cheguem ao público até descobrir como fazê-las serem compreendidas por todos.  
(Hellen Carvalho, estudante de Jornalismo)

Fazer jornalismo atrelado à ciência e meio ambiente exige um preparo dos jornalistas muito específico e amplo para abordar esses temas, porém o que costuma ocorrer nas redações é justamente o contrário (...) Além desses fatores há muitos outros que dificultam o trabalho dos jornalistas nessas áreas, entre eles o monopólio midiático que não dá a devida relevância a questões ambientais e científicas (...) portanto, o jornalismo científico e ambiental não pode ficar refém dos veículos de comunicação privados, esses temas precisam ser debatidos amplamente na sociedade civil, o conhecimento científico precisa ser democratizado. (Fabíola de Oliveira, estudante de Jornalismo)

Saúdo, ainda, o feliz comprometimento dos movimentos ambientalistas que se uniram a ciência para tornar firme a posição de defesa do meio ambiente em tempos “terraplanistas” anticientíficos, mas que o fazem ainda aliando os dados estatísticos com uma visão extremamente íntima ao racionalismo social que constrói os problemas ambientais, antes de tudo, socialmente. Por fim, rogo que ambos os setores científicos, ambientalistas e midiáticos se prestem a humanizar o seu *modus operandi*, como bem pontua Adílson Nóbrega. Afinal, nas palavras do sociólogo, ‘sustentabilidade é falar de pessoas’. (Victor Veras, estudante de Jornalismo)

Percebe-se nos artigos a intenção de frisar a necessária aliança entre jornalistas e cientistas para uma causa maior, a ambiental. Poucos trabalhos citaram o papel dos movimentos sociais nessa causa, talvez porque não tenha sido esse o mote da abordagem do entrevistado. No entanto, esse é um ponto destacado na leitura preparatória indicada à turma. Michelotti (2008, p. 63) aponta que as organizações sociais precisaram encampar a racionalidade científica para serem alçadas ao lugar de fontes críveis perante a imprensa, num percurso assim descrito:



---

Para um problema ambiental tornar-se um problema social ele deve necessariamente primeiro ser validado por autoridades científicas e, em seguida, popularizado por atores que fazem a ponte entre ciência e ambientalismo para, posteriormente, ser disseminado pela mídia como relevante.

A autora fala sobre estratégias de rompimento das barreiras midiáticas por parte dos movimentos sociais, visando ao agendamento de temáticas ambientais na mídia convencional. No entanto, sabe-se que garimpar tais espaços requer muito além de atender a critérios de valor-notícia<sup>6</sup>, passa por pactos políticos penosos de quebrar. Com o intuito de avaliar o tratamento de pautas ambientais na mídia tradicional, foi pensado o terceiro trabalho da turma. Feita a análise da cobertura midiática convencional, as equipes avaliaram a abordagem de veículo da chamada mídia independente, de forma a estabelecer um olhar comparativo entre os dois circuitos de produção jornalística.

As análises giraram em torno de seis eixos temáticos: crimes ambientais, desastres naturais, desmatamento, mudanças climáticas, obras impactantes e agronegócio. A turma foi dividida em equipes, que decidiram livremente quais veículos iriam avaliar, desde que fosse adotado o seguinte recorte: análise de três matérias por veículo, sendo todas da mesma editoria e mesmo gênero (informativo ou opinativo), publicadas no período de janeiro a maio de 2022. Os critérios de análise sugeridos foram: 1) Recursos imagéticos utilizados (fotos, vídeos, ilustrações, infográficos), 2) Recorte (informação, denúncia, serviço, educativo); 3) Fontes (quantidade e diversidade); 4) Amplitude e conexão (contextualização); 5) Profundidade (uso de dados, pesquisas etc); 6) Grau de criticidade/interpretação dos fatos/sensibilização; 7) Nível de proposição (cobra, aponta ou convida a buscar soluções). Tais critérios foram definidos com base na bibliografia trabalhada na disciplina, especialmente nos princípios postos por Bueno, o qual frisa que "o jornalismo ambiental desempenha inúmeras funções, mas é possível ressaltar de imediato três delas: 1) a função informativa; 2) a função pedagógica e 3) a função política". (BUENO, 2007, p. 35). A seguir, uma síntese da análise, por temática. O resultado da investigação foi compilado pelas equipes em um resumo expandido, a fim de incentivar os estudantes a apresentarem o trabalho em eventos científicos e, assim, compartilhar a experiência da disciplina com seus pares.

---

<sup>6</sup> Grupo de critérios que atesta o potencial de noticiabilidade do acontecimento. Mais informações em SILVA, 2005.



---

A equipe do tema “crimes ambientais” analisou os portais G1, UOL e Gazeta. O veículo não massivo escolhido foi o portal eCycle<sup>7</sup>, focado em descarte correto e práticas de consumo consciente. Destaque-se que, no quesito “profundidade”, Gazeta ficou em primeiro lugar, com matérias mais bem contextualizadas. Em segundo lugar, o UOL utilizou hiperlinks para contextualizar os acontecimentos noticiados. O G1 apresentou menor desempenho nesse critério, limitando-se a noticiar o fato sem associações que pudessem levar o público a um olhar crítico. Já no critério fontes, o portal UOL trouxe maior diversidade, seguido do Gazeta que apresentou pelo menos uma fonte para cada matéria, já o G1 ficou em último lugar em quantidade e diversidade de fontes. Quanto ao grau de criticidade e proposição, o ranking foi UOL, Gazeta e G1. A análise do portal eCycle destacou ferramentas educativas/interativas sobre reciclagem, compostagem, coleta seletiva, uso adequado de energia e outros assuntos relacionados à produção e consumo. Quanto à técnica jornalística, a equipe identificou maior profundidade e diversidade de fontes que o encontrado nos portais noticiosos convencionais.

O tema “desastres naturais” foi analisado nos veículos de abrangência nacional G1 e CNN, além do jornal Liberal, um periódico tradicional do Pará. No primeiro, a equipe identificou razoável profundidade e uso de imagens adequado. O critério “fontes” foi o mais frágil na avaliação, por não apresentar pluralidade, concentrando-se em especialistas. O portal da CNN destacou-se em profundidade ao apontar riscos, históricos de recorrência dos desastres, depoimentos de vítimas e posicionamento das autoridades, além de informações extras sobre regiões próximas e matérias complementares. Já o Liberal foi apontado como o mais frágil em profundidade e diversidade/pluralidade de fontes. O veículo de mídia independente analisado foi o site da Amazônia Real<sup>8</sup>, agência de jornalismo independente e investigativo pautado nas questões da Amazônia e seus povos. A equipe identificou técnicas imersivas típicas do jornalismo humanizado e profundo, com diversidade de fontes e uso constante de formatos multimidiáticos que proporcionam maior imersão do público também.

A equipe responsável pelo tema “desmatamento” decidiu focar em editorias de cultura dos jornais Folha de São Paulo, Estadão e Estado de Minas, além do site

---

<sup>7</sup> Site informativo de teor educacional criado pela empresa de produtos ecológicos eCycle. Disponível em <https://www.ecycle.com.br>. Acesso em 15 ago 2023.

<sup>8</sup> Organização sem fins lucrativos com autação em Manaus, AM. Criada pelas jornalistas Kátia Brasil e Elaíze Farias, em 2013, a agência é mantida por meio de doações, via plataformas de financiamento coletivo. Disponível em <https://amazoniareal.com.br>. Acesso em 15 ago. 2023.

---

informativo Modifica<sup>9</sup>. A análise dos jornalões constatou matérias superficiais porque descontextualizadas e, por consequência, acríicas. De acordo com a equipe responsável pela análise, as poucas tentativas de aprofundamento se deram com uso de dados, mas sem interpretação dos mesmos. Já o site Modifica apresentou maior cuidado com o uso dos dados e consulta a fontes especializadas, sejam científicas ou ativistas ambientais. O trabalho encerra com um alerta para os jornalistas da grande mídia que cobrem cultura: “as editorias de cultura precisam aprender como inserir e relacionar as informações ambientais de maneira mais objetiva e crítica, sem apenas mencionar conceitos de maneira superficial e simbólica” (transcrição do trabalho apresentado por Ana Flávia Marques Bezerra e Matheus Brito de Souza Sales, alunos da disciplina).

Sobre “obras impactantes”, a amostragem foi retirada de matérias dos jornais cearenses O POVO e Diário do Nordeste, além do portal G1. O veículo independente analisado foi a agência Envolverde<sup>10</sup>. A equipe verificou que, apesar dos veículos convencionais apresentarem diversidade de fontes, essas não são plurais, concentram-se nas especializadas e oficiais. O viés estritamente noticioso, sem criticidade, foi apontado também. Na análise da agência Envolverde indicou amplitude e criticidade, porém, apesar da diversidade de fontes, também se concentra nos especialistas/pesquisadores, sem espaço para o movimento ambientalista nem comunidades atingidas pelas obras.

O tema “mudanças climáticas” foi visto no portal G1 (sessão de Meio Ambiente) e em duas revistas: Forbes (na editoria Forbes Agro) e Galileu (editoria Um Só Planeta). O veículo independente escolhido foi a agência EcoNordeste<sup>11</sup>. A equipe avaliou que o conteúdo da Forbes apresenta pouca amplitude, rasa profundidade e baixo grau de criticidade. A Revista Galileu, apesar de não apostar em recursos imagéticos ou gráficos - como é de se esperar para uma revista-, apresentam alto grau de criticidade, aprofundamento, amplitude e conexão com assuntos relacionados à pauta principal. A sessão de meio ambiente do portal G1, na análise da equipe, faz bom e correto uso de recursos gráficos, mas deixa a dever em amplitude e profundidade. Já a agência EcoNordeste atendeu aos requisitos propostos ao jornalismo ambiental de qualidade:

---

<sup>9</sup> Espaço definido como fruto de “Organização de mídia, pesquisa e educação sem fins lucrativos que atua por justiça socioambiental e climática por meio de uma perspectiva ecofeminista. Disponível em <https://www.modifica.com.br>. Acesso em 15 ago 2023.

<sup>10</sup> Agência de notícias com foco nos 17 ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável), estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Disponível em <https://envolverde.com.br>. Acesso em 15 ago 2023.

<sup>11</sup> Agência de conteúdo jornalístico voltado para ações ambientais no Nordeste do Brasil. Disponível em <https://agenciaeconordeste.com.br>. Acesso em 15 ago 2023.

---

diversidade e pluralidade de fontes, olhar integral sobre os fenômenos reportados e preocupação com soluções para as problemáticas que os envolvem, resultando em matérias aprofundadas, críticas e educativas.

A equipe responsável pelo tema “agronegócio” optou por analisar o portal Metrôpoles, UOL Notícias e G1. A equipe não avaliou a produção de veículo independente e também não se concentrou em uma só editoria, fato que pode atrapalhar a identificação de parâmetros de análise. Os resultados apontam que a editoria de Meio Ambiente do portal Metrôpoles trabalham dados associados a fontes especializadas e oficiais, tem médio grau de criticidade e nenhum teor propositivo/educativo. Já a editoria de política do UOL apresentou baixa criticidade e profundidade. As fontes prioritárias são parlamentares ou gestores da esfera governamental, sem diversidade nem pluralidade. Já o portal G1 recorre a recursos gráficos/visuais e fontes especializadas, apesar de não haver aprofundamento nem criticidade, tampouco proposição.

### **Considerações finais**

A formação de novos jornalistas requer atenção não apenas aos desafios à mudança advindos com os processos transmidiáticos e seus peculiares processos de produção e distribuição de conteúdo informativo. Impõe-se olhar para as urgências sociais que exigem desse profissional o cumprimento dos princípios de planejamento e apuração jornalística que assegurem acesso ao conhecimento integral dos fatos.

Nesse sentido, considera-se a experiência da disciplina de Jornalismo Ambiental uma amostra da contribuição que a mesma pode dar para formação de profissionais implicados com as realidades que os cercam e comprometidos com a cidadania comunicativa, posto que fazer jornalismo ambiental exige um olhar atento aos vácuos de informação e às tentativas de manipulação por parte de segmentos desinteressados com a dignidade de todos os seres vivos. Sem dignidade não há vida plena, tampouco jornalismo de verdade.

### **REFERÊNCIAS**

- BUENO, W.C. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.
- GIRARDI, I.M.T.; SCHWAAB, R.T. (orgs). **Jornalismo ambiental**: desafios e reflexões. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008.
- \_\_\_\_; LOOSE, E. B.; BAUMONT, C.C. (orgs). **Ecos do planeta: estudos sobre informação e jornalismo ambiental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

---

LAGE, N. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAYA, M. H. **Sustentabilidade 4.0**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2019.

MICHELOTTI, G. A interação entre movimento ambientalista, meios de comunicação e ciência na problematização da crise ambiental. In: GIRARDI, I.M.T.; SCHWAAB, R.T. (orgs). **Jornalismo ambiental**: desafios e reflexões. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008 (p. 56 - 66)

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos de Jornalismo em Mídia**, Florianópolis, v II, n 1, p. 95-107, jan./jul. 2005.